

Em fevereiro de 2016, mais ou menos quando começávamos os trabalhos para esta edição da Revista Escrita, a socióloga e antropóloga Rosana Pinheiro-Machado, professora da USP e da Universidade de Oxford, publicou na revista Carta Capital um artigo intitulado "Precisamos falar da vaidade na vida acadêmica"¹. Seu texto jogava luz sobre dinâmicas que, apesar de não serem novidade, talvez até aquele momento não tivessem sido expostas de maneira tão aberta publicamente (quicá "imunizada" – a forma explícita – pela segurança do vínculo a uma instituição estrangeira). Os questionamentos levantados em seu artigo ressoaram entre nós, pesquisadores em formação, impondo, mais uma vez, a reflexão sobre que comunidade reproduzimos a partir de nossas práticas.

O dossiê temático deste número da Revista Escrita é fruto do **4º Letras Expandidas**, seminário discente da pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras da PUC-Rio, ocorrido em novembro de 2015. Nem todas as apresentações daquele evento estão aqui e agora, como texto. O processo de seleção dos artigos que compõem este número foi o mesmo de todos os números anteriores da revista. Nesse sentido, a atual edição foi de grande aprendizado prático e ético para o corpo editorial, dado que muitos de nós também estávamos no seminário – desde a divisão prioritária da leitura dos artigos entre colegas que não pudessem reconhecer de imediato a "origem" da pesquisa em questão, até a aplicação de uma negação em duplo cego a pessoas que posteriormente viríamos a saber quem eram, e com quem eventualmente encontraríamos pelos corredores. Mas somos obrigados a manter nossa consistência, coerência, confiabilidade, qualidade – e a busca de um bom *qualis* perante a CAPES. Assim, chegamos à edição do número que agora vem a público.

Primeiramente, agradeço ao corpo editorial interno da revista, composto por 27 alunos dos dois programas de pós-graduação do departamento, e também aos professores pareceristas convidados, cinco internos e dez externos, que exerceram com dedicação a função de avaliadores dos artigos e ensaios recebidos. Agradeço, aos externos principalmente, o interesse genuíno demonstrado no aceite do convite – que se refletiu na qualidade dos pareceres.

Agradeço imensamente ao Departamento de Letras, na pessoa da professora coordenadora do programa de Literatura, Cultura e Contemporaneidade, Rosana Kohl Bines, pelo incentivo concreto a todas as nossas atividades discentes. Agradeço também à professora Ana Kiffer, pela escrita da apresentação exclusiva para esta edição, por ser entusiasta das atividades do corpo discente do departamento – a quem devemos a revista e o seminário, uma vez jornada, que hoje já faz parte do calendário anual, sob o nome Letras Expandidas – e principalmente por comungar das buscas por dinâmicas outras em nossas práticas acadêmicas e intelectuais.

Agradeço profundamente (claro!) o interesse e a paciência dos autores, pós-graduandos de universidades de todo o Brasil, e também da Argentina, que aqui e agora participam deste número.

Um agradecimento especial é direcionado ao LAMBDA, laboratório da PUC-Rio, responsável pelo sistema Maxwell de publicação on-line da Revista. Durante os

¹ <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/precisamos-falar-sobre-a-vaidade-na-vida-academica>

trabalhos para finalização deste número, foi fundamental a parceria das professoras e técnicas do laboratório no processo de migração da editoração da revista para o sistema OJS, pelo qual a Escrita será produzida a partir do próximo número, visando uma futura recolocação nas avaliações de periódicos da CAPES.

Desde a Grécia, o amigo é a "condição de possibilidade do pensamento"². Não um simples predicativo do sujeito³, mas aquela ou aquele com quem se compartilha uma trajetória intelectual, dentro da universidade e também, eventualmente, fora das salas de aula e de pesquisa, naquilo que se convencionou chamar vida. Nenhum agradecimento seria, pois, suficiente ao meu colega, co-editor e amigo Alexandre Velho.

Do início do primeiro semestre de 2016 ao início desse segundo semestre de 2017, sucedeu-se uma enormidade de coisas, em âmbitos macro e micropolíticos, macro e microssubjetivos; transformações que afetam nossas vidas em termos históricos e sociais, de representatividade, direitos, deveres, fomento à pesquisa, incentivos e verbas – e também naqueles mais miúdos, vida vivida entre o levantar torto do colchão, o correr para a aula no ônibus, o silêncio da biblioteca, as trocas por *whatsapp* e a conversa regada a (muito) café. No calor desses acontecimentos, a vida atravessou a produção intelectual (não é assim sempre?) e morreu meu pai – qualquer refazimento (impossível) só se teceu porque tive respaldo.

Esta edição é a prova de que é possível respirar entre pares, produzir sem competição, criar comunidades menos cruéis e escapar às dinâmicas perversas, sem no entanto recair na linha dura (dura, apesar de aparentar o contrário a um olhar desatento) do coleguismo nepotista e falso, ao qual também estamos infelizmente tão acostumados, e que é exatamente a contraface da mesma competição capitalista vaidosa, individualista e implacável. O futuro da pesquisa, da universidade e da educação no Brasil é incerto, parece grave. É portanto justamente logo que precisamos criar modos de resistência que instaurem novas dinâmicas relacionais (ainda que em um espectro menor, como contágio), para uma comunidade da qual queremos sim, afinal, fazer parte. É este o apelo que faço quando, finalmente, convido vocês à leitura do vigésimo terceiro número da Revista Escrita.

Amigável e (por isso mesmo) intelectualmente,

Maíra Fernandes de Melo
Coordenadora do número 23
Agosto/2017

² DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1992.

³ AGAMBEN, Giorgio. *O amigo & O que é um dispositivo?* Chapecó: Argos, 2014.